

# Plano de Preservação do Patrimônio Cultural do Recife

## Diagnóstico do Patrimônio Cultural Imaterial ZEPH 10 e 14



outubro | 2020

# Questões Norteadoras

- Quem são os grupos sociais que compõem a paisagem do Santo Antônio e São José?
- Em que medida o comércio contemporâneo se relaciona com a tradicionalidade das práticas do lugar?
- A atividade comercial pode cooperar com a salvaguarda e preservação do patrimônio cultural nas ZEPH 10 e 14?
- O comércio popular pode ser compreendido como um bem patrimonializável?
- Como os tipos de comerciantes se percebem entre eles mesmos?
- Como os bens culturais se relacionam com os lugares de Sto Antônio e São José?
- Quais os processos manutenção e transmissão de memória social por parte dos moradores?

# Grupos interlocutores

→ Tipos sociais a partir dos usos e participação relativa ao patrimônio cultural.

TIPO DE USO	RELAÇÃO	CONCEITOS	CAPTAÇÃO DE DADOS
COMERCIANTES	Comerciantes do Mercado; Do entorno; Ambulantes.	Patrimonialização; Estabelecidos e Outsiders; Saberés (conceito local)	Survey; entrevista; etnografia.
USUÁRIOS	Consumidores; Outros.	Paisagem social; “carnaval”.	Survey; etnografia.
MORADORES	Antigos; Novos.	Memória social; urbanização; gentrificação relações de significância.	Survey; Entrevista (semi-estruturada).
FAZEDORES DE BENS CULTURAIS	No lugar; Desterritorializado.	memória social; “carnaval”; <i>carnival</i> .	Entrevista; etnografia.
POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA	População em situação de rua.	Paisagem social; fragilidade de laços sociais.	Survey (GEPMC/ SDSJPDH)

# Conceitos: Comércio Popular

**“Estabelecidos e outsiders”**: relação de concorrência entre grupos sociopolíticos no lugar, a partir do tempo de permanência, identidade social e status socioeconômico - estigmas; desigualdade estrutural; capacidade de articulação sociopolítica. (ELIAS & SCOTSON)

- **“Saberé”**: terceiro grupo social componente também incluído nessa dinâmica social entre estabelecidos e outsiders.
- Conceitos relativos a processos de mudança social e ação (ORTNER).

**Campo**: compreensão de um espaço social com regras e protocolos específicos de produção de conceitos e conhecimento → “saber vender”; reconhecimento de lugares sociais; “patrimônio”; “cultura”. (BOURDIEU)

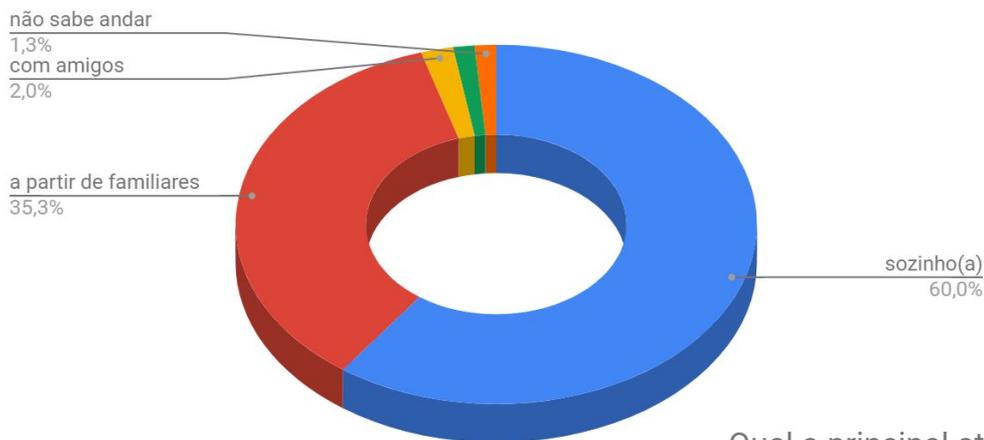
**Patrimonialização**: dinâmicas sociais estabelecidas a partir do conceito de patrimônio e suas implicações na economia local (capitais social e econômico) e na dinamização das políticas no lugar. trocas simbólicas (BOURDIEU); cidade-mundo, não-lugares (AUGÉ).

# Contexto do Momento de Pesquisa

- Mercado de São José enquanto referência cultural e produtor de significados;
- Momento de intervenção do poder público na paisagem e dinâmica socioeconômica e espacial;
- Gestão do Patrimônio Cultural com centralidade dos aspectos turísticos e de mobilidade;
- Nivelamento de opiniões dos vários tipos de comerciantes - momento político intenso;
- Comércio popular enquanto elemento da identidade social do lugar;

# O Centro e as Formas de Conhecer

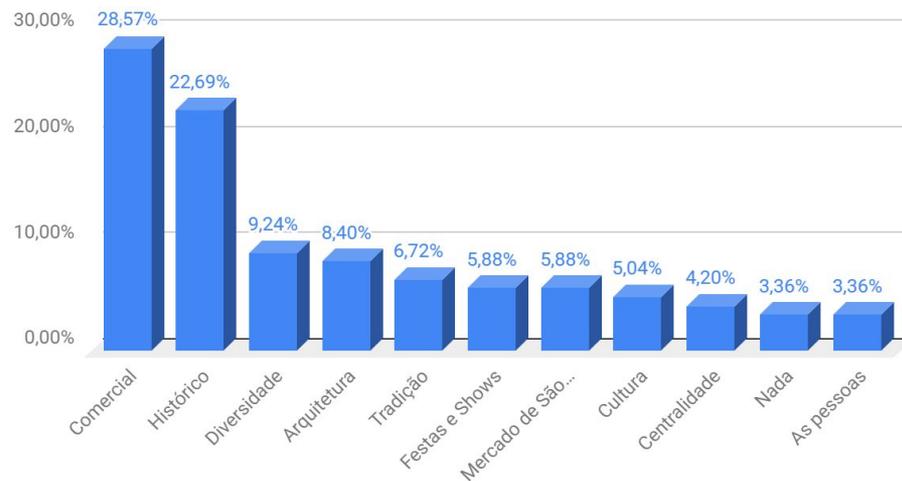
Como aprendeu a andar pela ZEPH 10 e 14?



Como usuários se referem à Região



Qual o principal atrativo do São José e Sto Antônio?



# O Centro e as Formas de Conhecer

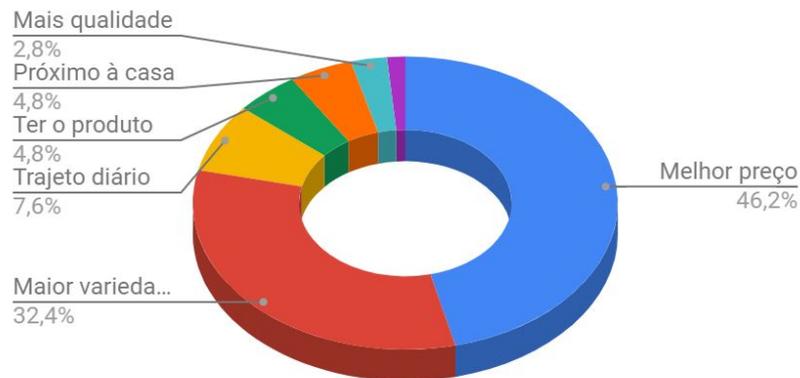
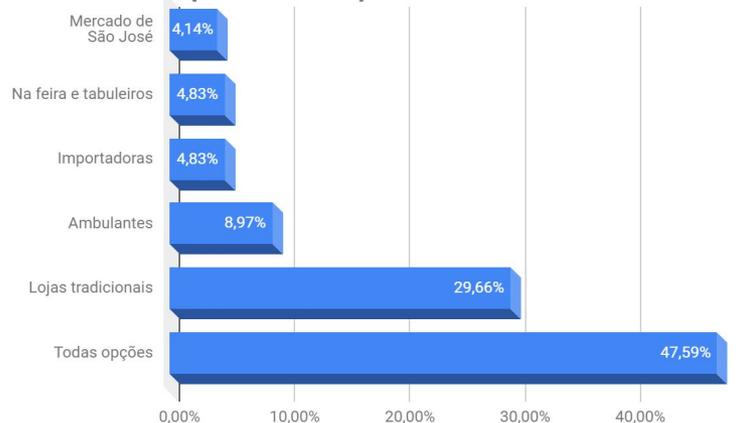
- Embora prevaleça a relação do “centro” com comércio, os signos que relacionam o lugar com valores como “histórico”, “arquitetura” e “tradição” - elementos próximos à noção de patrimônio cultural - é relevante;
- A maioria dos(as) usuários(as) entrevistados(as) declararam conhecer o “centro” a partir de vivência prática, sozinhos(as) ou acompanhados(as) por familiares;



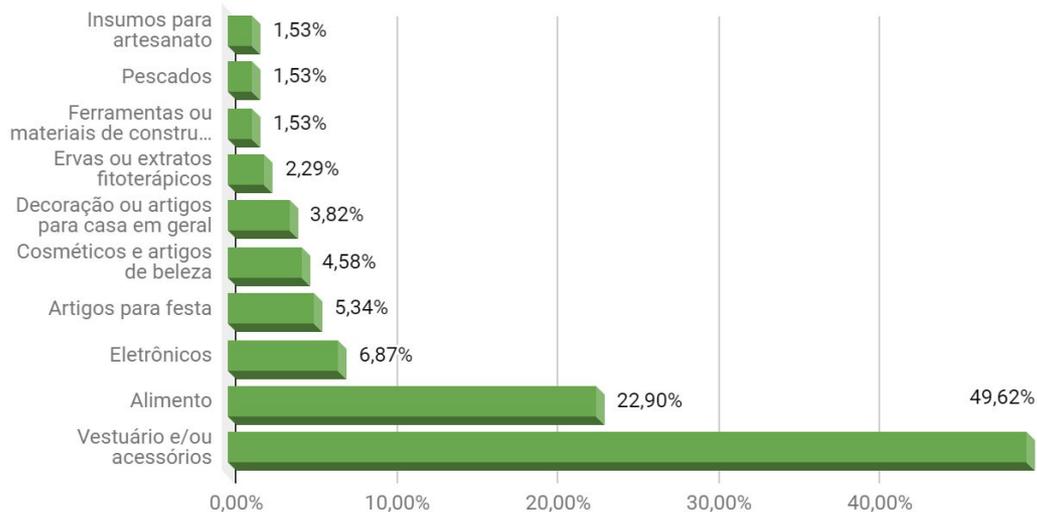
O reconhecimento do lugar para além do comércio e a ausência de formas de conhecer o lugar para além da pragmática, apontam para possibilidades de ações de educação patrimonial.

# Pluralidade, Paisagem social e Interesses

## Onde Usuários preferem comprar?



## Principal Interesse de Consumo - usuários



# Pluralidade, Paisagem social e Interesses

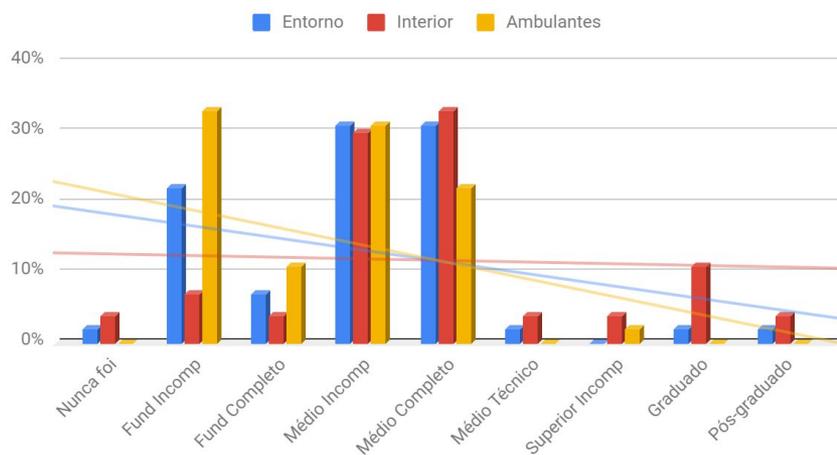
- O conjunto das oportunidades de negócio que se apresenta como o principal atrativo do comércio popular, embora haja interesse expressivo nas lojas tradicionais;
- Variedade nas ofertas e preço atrativo são elementos centrais das buscas dos consumidores;
- Vestuário marca o principal interesse dos consumidores, seguido por gêneros alimentícios.



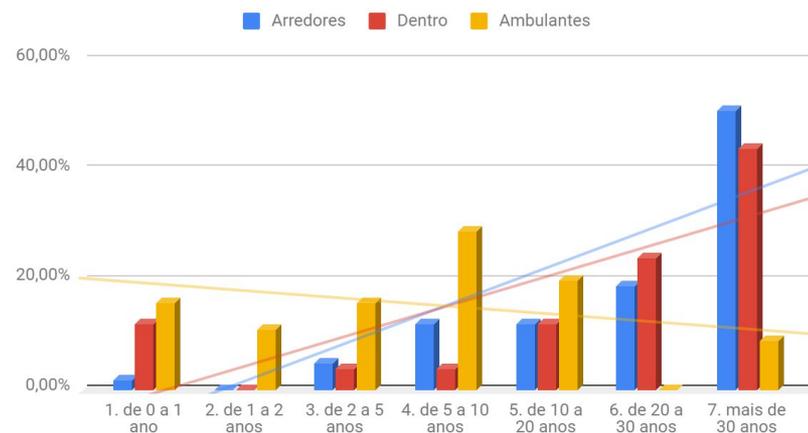
A estratégia de consumir a partir de ofertas e oportunidades é central para os consumidores entrevistados nos bairros de Santo Antônio e São José.

# Comércio, Diversidade e Desigualdades

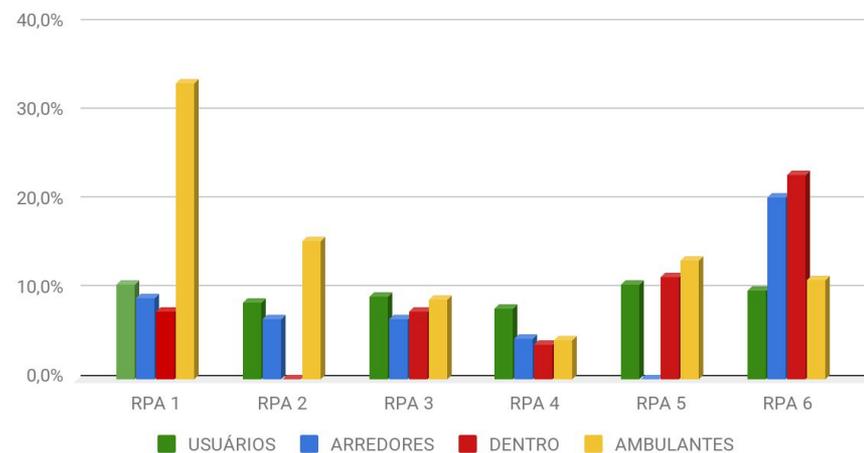
## Grau de Escolaridade - Comerciantes



## Há quanto tempo trabalha nas ZEPH 10 e 14?



## Local de moradia por RPA



# Comércio, Diversidade e Desigualdades

- A localização do estabelecimento, quando dentro do mercado, indica relação direta e positiva com nível de escolaridade e moradia em bairros de classe média;
- Os comerciantes dos arredores do mercado, possuem algum nível de estabilidade, apontada pelo tempo de permanência na mesma ocupação;
- A condição de vulnerabilidade dos vendedores ambulantes é amplamente contrastante aos demais, tanto estruturalmente (nível de escolaridade), quanto contingencialmente (pela tendência a menor tempo na atividade).



---

A recorrente relação estabelecida entre vendedores ambulantes e ausência de emprego ou oportunidade em acessar renda parece ser verdadeira.

“estabelecidos” > “outsiders” > “saberé”

# Performance, venda e saberes tradicionais

Os sons e as performances no “centro” também são partes integrantes das características dos lugares e indicativo de fazeres tradicionais.

“Aih papaaai!!!”

A inserção de novos produtos e as formas tradicionais de venda: a tradição na performance.

“Compro e vendo, ouro e prata.  
Avaliação é aqui!”

“é amolar alicate e tesoura, é?”



A tradicionalidade do comércio popular não se dá a partir do estudo formal e se atualiza nas práticas a partir de elementos tradicionais do lugar.

# A feira do mercado

Os saberes específicos dos feirantes e relações entre eles e os ajudantes:

“ele [o ajudante da banca] não vai à CEASA porque ele não sabe comprar [ainda, está aprendendo com o feirante]. Aí a mercadoria dele, como o maracujá e o limão. Pra você ver, olhe: o maracujá e o limão dá pra sustentar a casa do cidadão, entendeu? Pra você ver como é o local [o entorno do Mercado de São José]: que é um local com circulação, como eu torno a dizer”. (Eduardo)

A feira enquanto patrimônio:

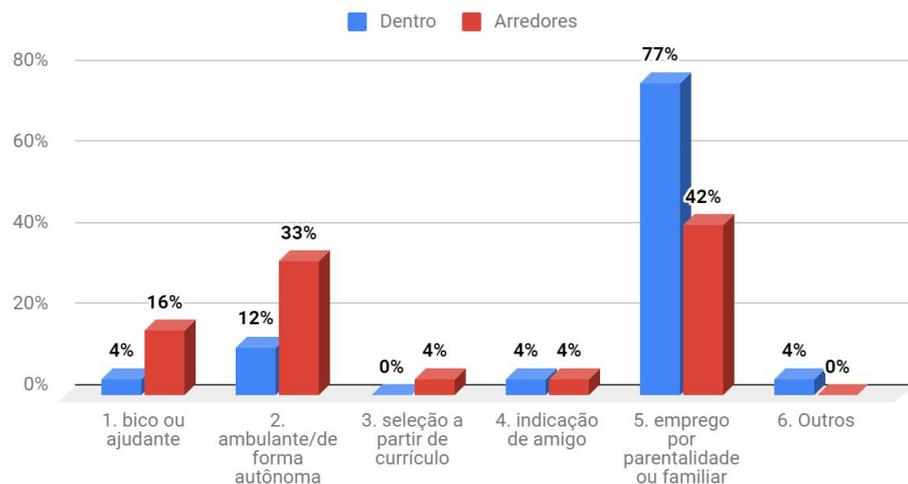
“Aqui chega turista querendo saber um melão que sempre vende por aqui – que é o genérico do japonês – ele sempre atrai as pessoas, porque muitas pessoas não conhecem... como ocorreu nessa semana, com o caju. Muitas pessoas não conhecem o sabor do caju. Inclusive eu acredito que nós [feirantes] somos uma forma de mostrar ao país e ao mundo os produtos que nós vendemos

(...)

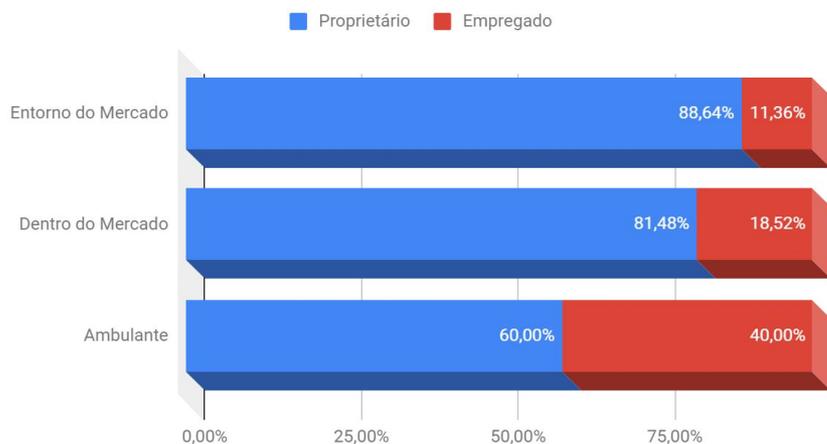
Rapaz, mesmo com essa desarrumação, as pessoas que vêm de fora, elas não tiram foto da sujeira que tá ao lado. Ela tira foto de nós e da nossa mercadoria. É sério, pô, é um negócio incrível: a pessoa que vem de fora ela não bota a câmera pro chão, eles botam a câmera pra nossa direção, entendeu? (...) Porque a gente é propagador de cultura; não é só o artesanato.” (Eduardo)

# Parentalidade, ofício e o não-dito

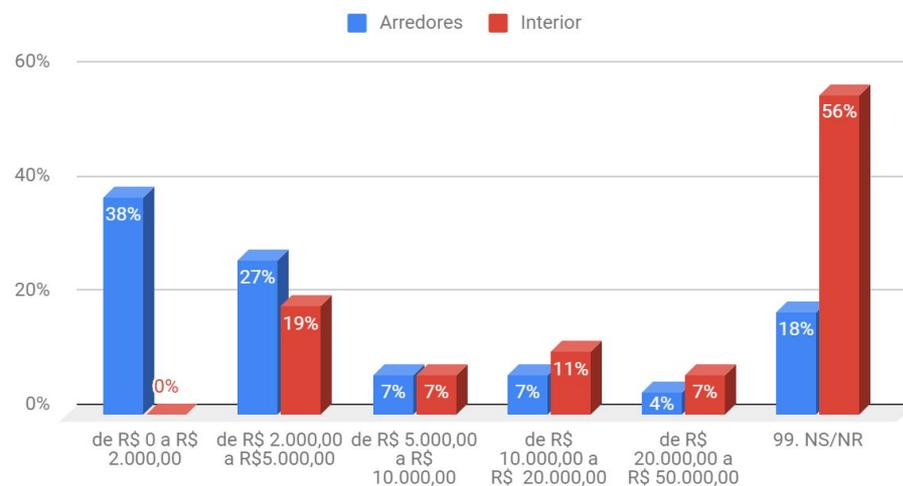
## Forma de Inserção no Comércio



## Status dos entrevistados em Relação aos Estabelecimentos



## Faturamento Médio Mensal Declarado



# Parentalidade, ofício e o não-dito

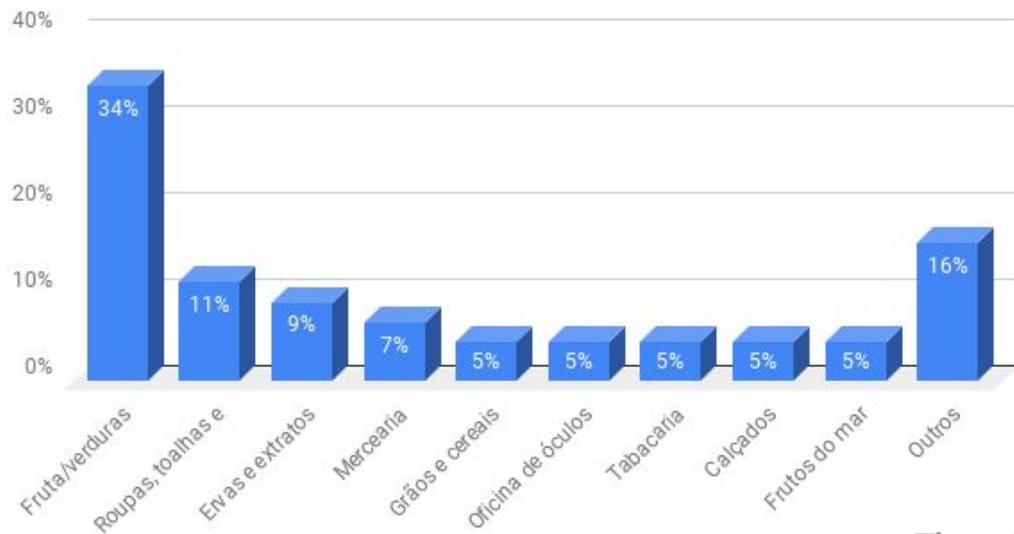
- A maior tendência de perpetuação do *fazer* dos vendedores do interior do mercado se relaciona com o potencial financeiro da atividade comercial;
- A disputa simbólica de valoração das mercadorias se relaciona com as aproximações a “cultura” e “patrimônio” e têm repercussão política e econômica;
- A vulnerabilidade simbólica e econômica dos vendedores ambulantes e a precarização noção de autonomia.



A valoração local da mercadoria e o distanciamento do patrimônio: a tradicionalidade do vender frutas, a contemporaneidade do artesanato e atividade turística.

# Relação econômica, social e cultural

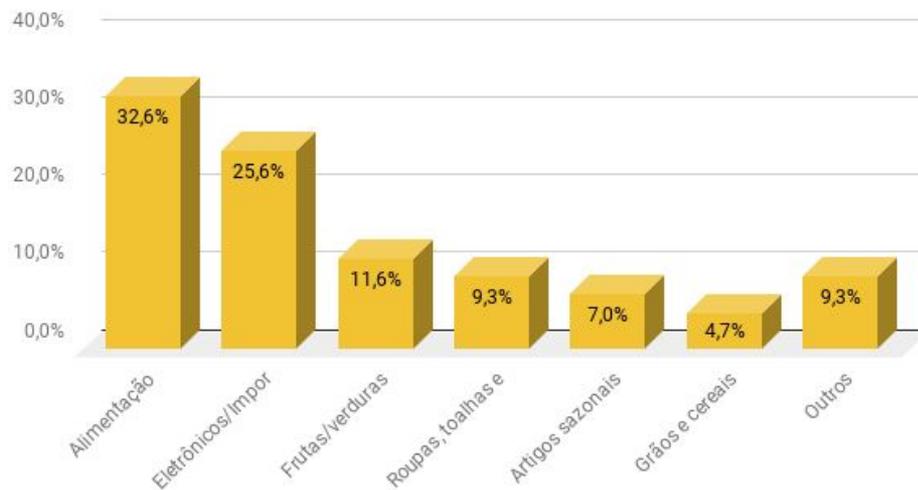
## Tipo mercadoria \_ comércio externo ao mercado



## Tipos de Mercadoria \_ Interno ao Mercado

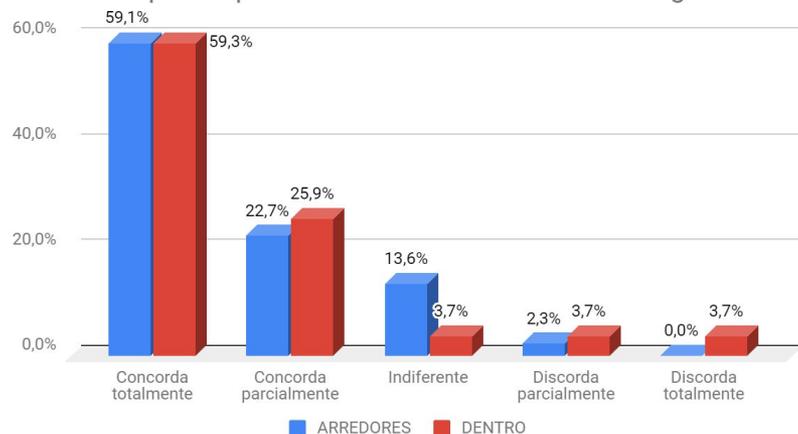


## Tipos de Mercadoria \_ Ambulantes

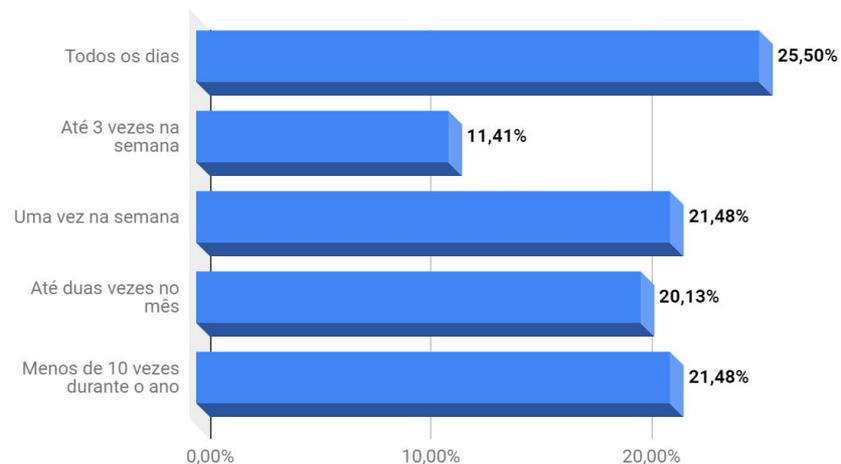


# Relação econômica, social e cultural

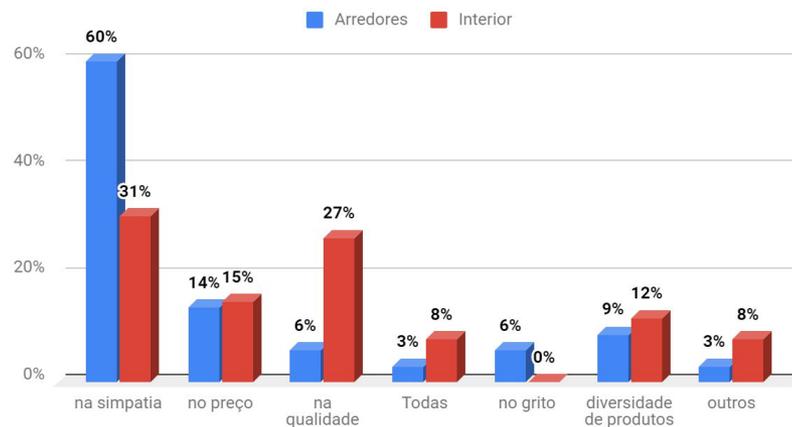
A maioria que frequenta o mercado é de clientes antigos



Frequência de Uso da ZEPH 10 \_usuários



Principal estratégia de venda adotada



# Interação econômica, social e cultural

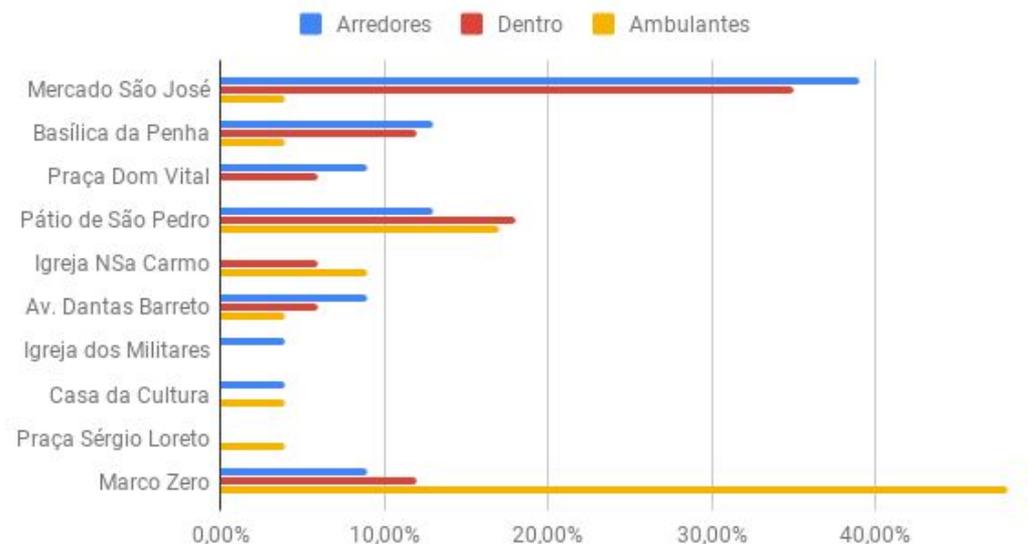
- A partir dos tipos de comércio pesquisados, temos uma tendência de “comércio de ocasião” em relação aos externos ao mercado e de centralidade em relação aos de dentro - a mútua cooperação do comércio;
- Os comerciantes entendem existir uma relação estabelecida entre a região do Mercado e cliente antigos - “dádiva”;
- 58,39% dos usuários, têm uma frequência ao menos semanal, o que corresponde à necessidade de serem compreendidos enquanto parte integrante do meio social e não a noção moderna de “consumidor”.



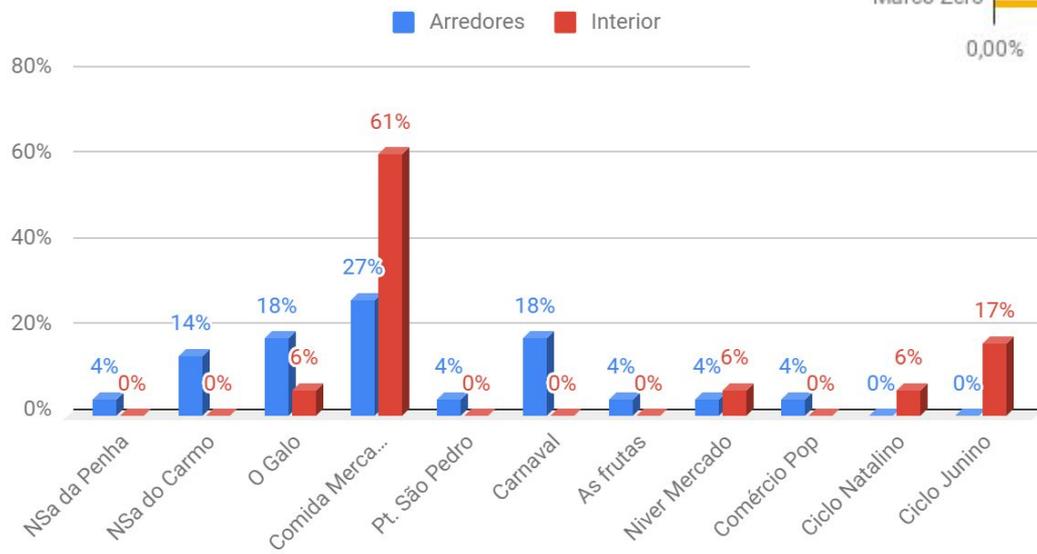
A paisagem social do São José e Santo Antônio enquanto fruto de uma participação ativa dos usuários na produção de memórias, na busca pelo produto e na interação com os ambulantes. → fluidez de papéis; “carnaval”.

# Referência cultural e lugar social

Locais com que mais se identifica na ZEPH 10 e 14

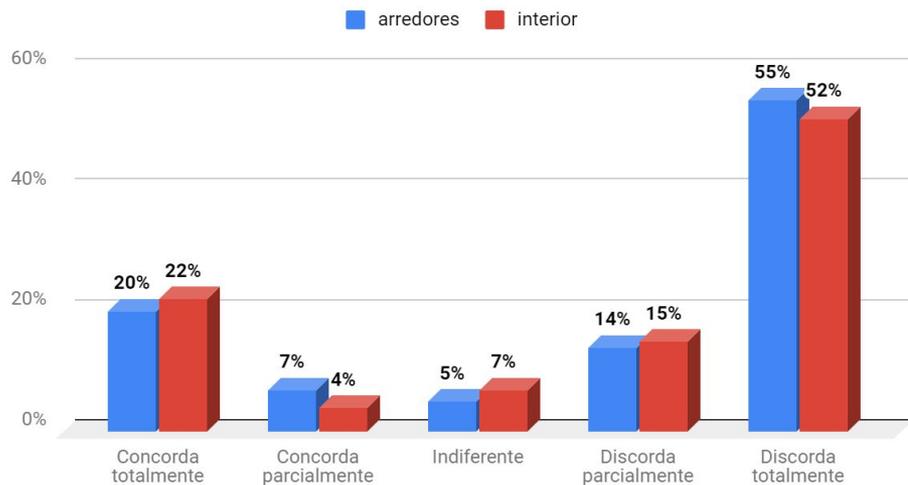


Referências Culturais Imateriais

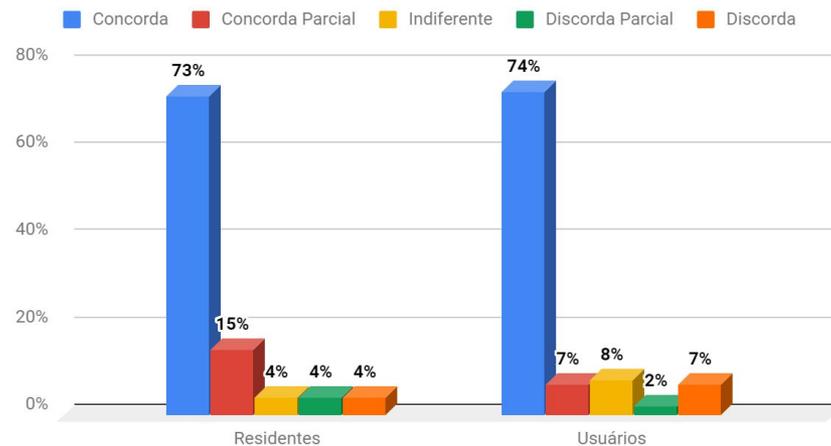


# Referência cultural e lugar social

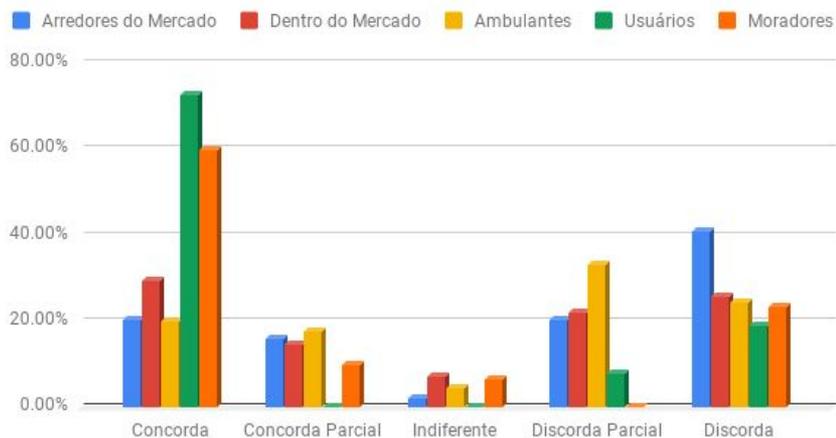
## O comércio ambulante é um problema para o centro



## Ambulantes são uma parte da tradição



## Barracas enfeiam o Mercado e os Bairros



# Referência cultural e lugar social

- Pela inexistência de processos de transmissão de memória social transcendente à experiência prática dos lugares, às referências e significados das paisagens e dos elementos cotidianos, o “patrimônio cultural” expresso pelos comerciantes é fruto da experiência cotidiana: o “mingau de cachorro” e o prédio do Mercado (Basílica da Penha e Praça Dom Vital);
- O pátio de São Pedro é referência mais transcendente aos tipos sociais; referências culturais sobrepostas - esvaziamento de outros lugares.
- A institucionalização do patrimônio é mais problematizada quanto mais próxima é à vida prática dos entrevistados.

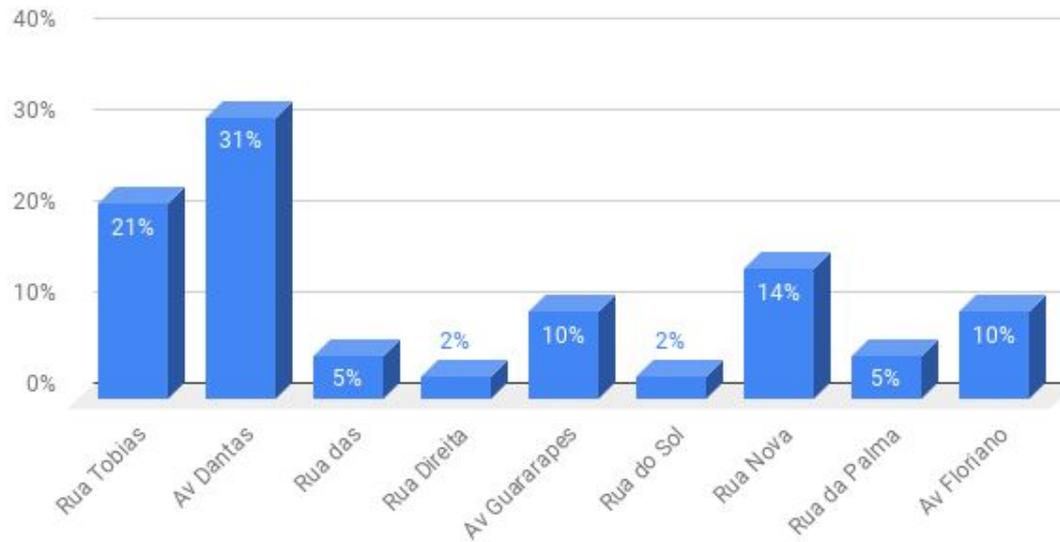


---

Reconhecer o “patrimônio cultural” do comércio popular e os processos de interação deste com o patrimônio cultural reconhecido, é possibilitar o não esvaziamento cultural do lugar sob o argumento da preservação - especialmente com fins turísticos e de monumentalização (sobremodernidade). (Marc Augé)

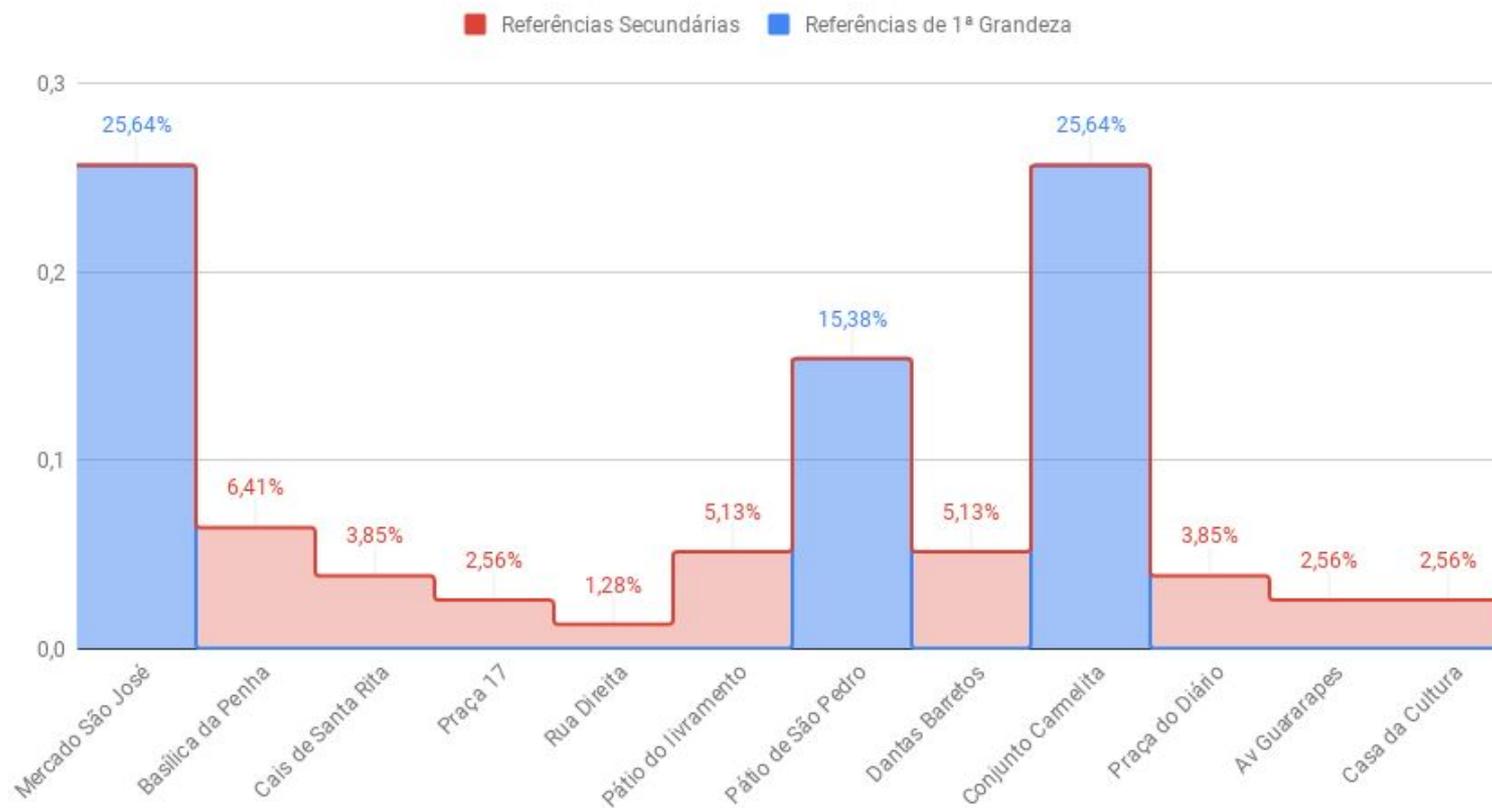
# Ruas referência para o comércio ambulante

Ruas preferidas para vendas por parte dos ambulantes



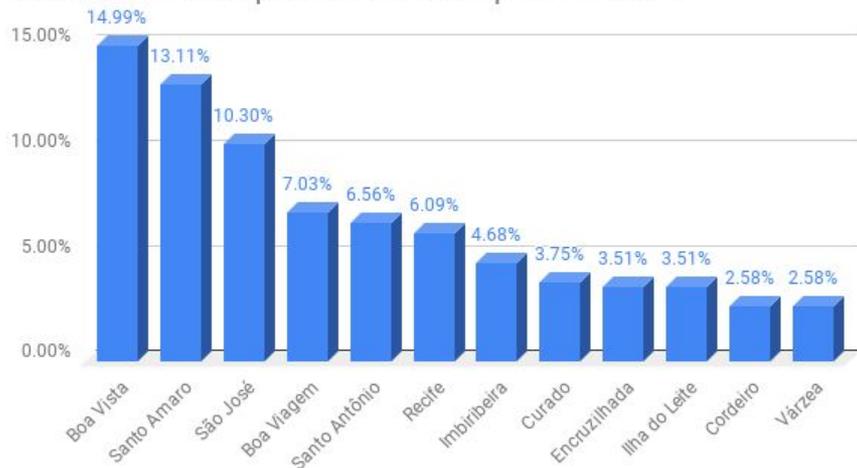
- As ruas mais assíduas dos ambulantes têm historicamente mudado em reação às regulações do poder público;
- Locais para guardar produtos enquanto de reserva imobiliária e desertificação social, resultante da atuação dos ambulantes - isenção do Estado enquanto tipo de ação específica; Estado sempre enquanto dotado de agência.

## Referências Socioculturais\_Usuários

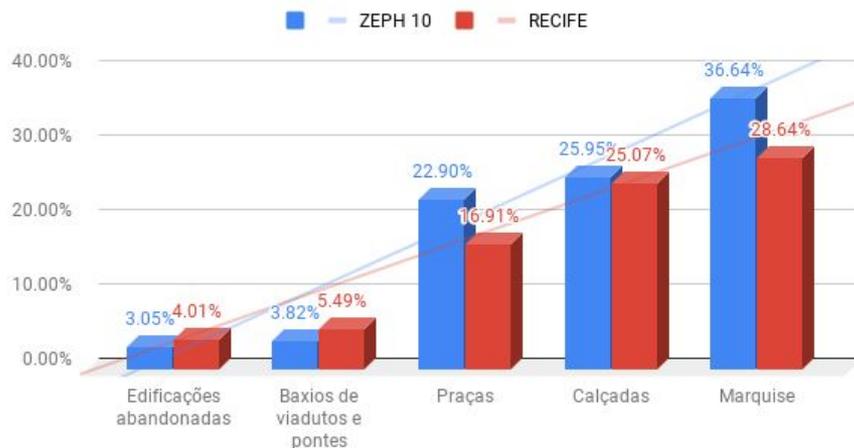


# População em situação de rua

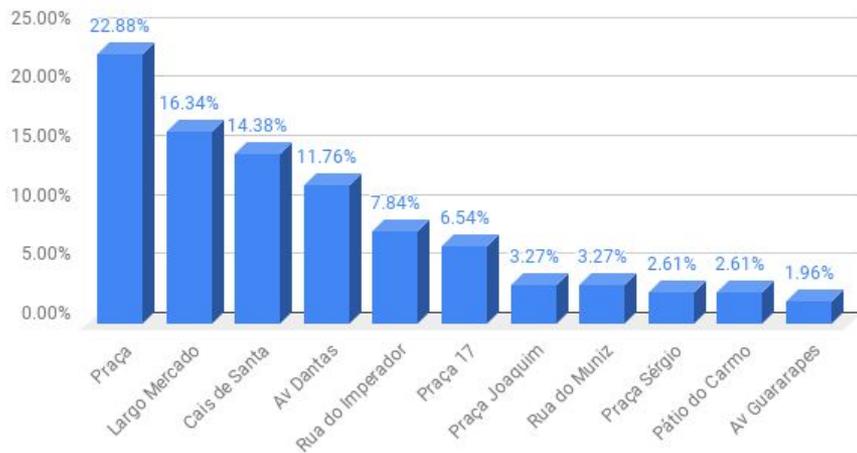
## Bairros eleitos enquanto Preferidos para Pernoite



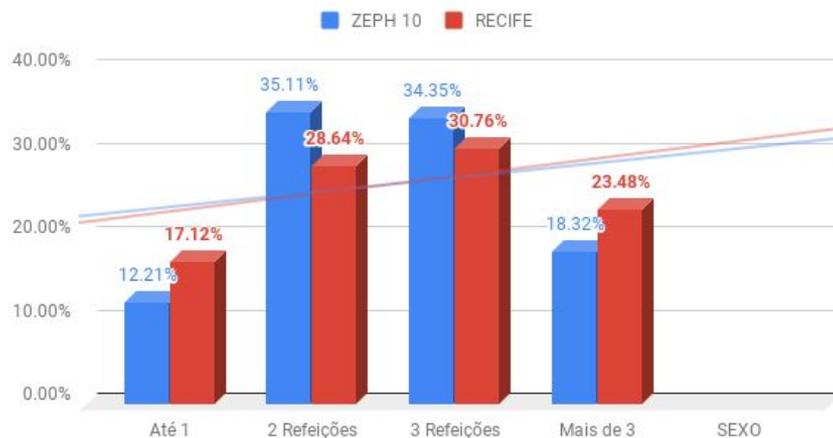
## Locais Preferidos para Abrigo e Pernoite



## LOCAL DE PERNOITE DE PESSOAS NAS RUAS ZEPH10



## QUANTIDADE DE REFEIÇÕES POR DIA RECIFE X ZEPH10

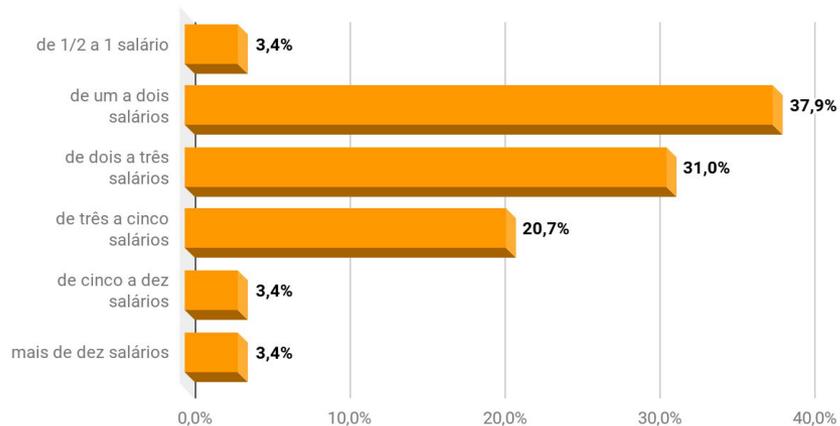


# População em situação de rua

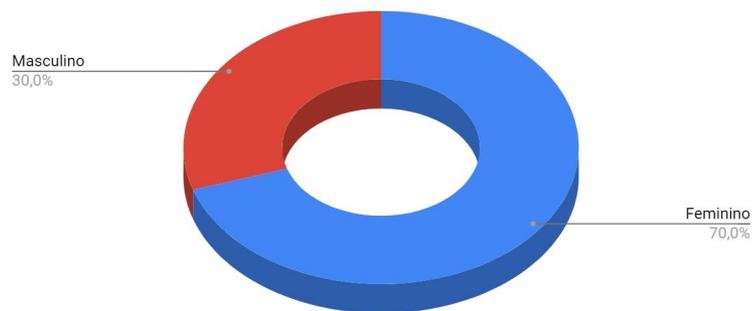
- Usos comercial, institucional e religioso, arquitetura dos prédios e acesso a trabalho informais enquanto viabilizadores da presença de pessoas em situação de rua;
- Relações não-integrativas com os moradores do lugar (Dantas Barreto enquanto zona de tensão).
-

# Moradores da ZEPH 10

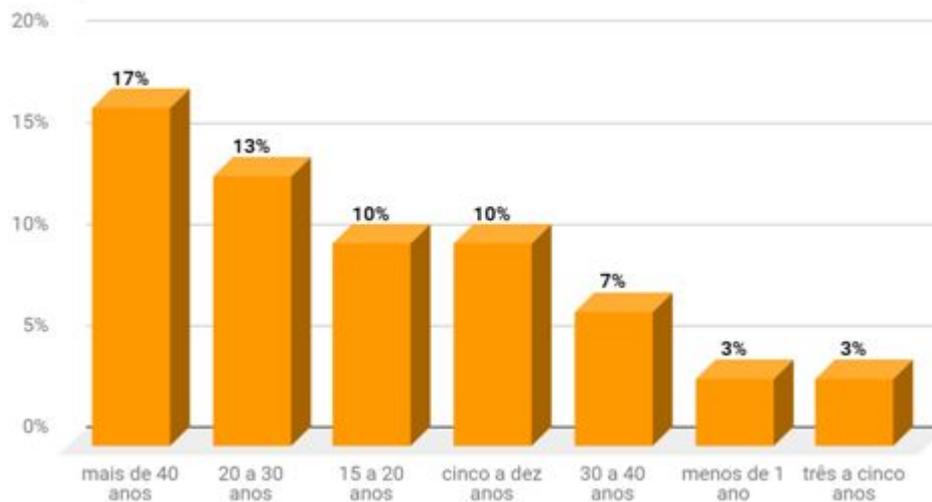
## Faixa de Renda Familiar\_residentes



## Representatividade dos Residentes entrevistados\_Sexo



## Tempo de Residência



# Moradia e Desigualdades

- A escolaridade como indicativo de desigualdade social intensa;
- Manutenção do São José enquanto lugar de classes populares nos bairros (classe D, de acordo com IBGE - de 2 a 4 salários mínimos);
- Predominância de moradia de longa duração;
- Moradia por hereditariedade para mais da metade dos entrevistados;
- Dois perfis distintos a partir das histórias de vivência nos bairros - reveladores dos momentos sociais ocupação do lugar: 1) os que moram há pelo menos 40 anos; e 2) moradores a partir dos anos 2000.

# Moradores entrevistados



# Moradores entrevistados

- Até meados do século XX predominava o uso residencial dos imóveis no São José;
- O recenseamento do Recife de 1923 (PERNAMBUCO, 1924): 90% dos imóveis do bairro de São José eram destinados à moradia. Já em 2017, de acordo com um levantamento feito pela DPPC (2020:117), esse número caiu para menos de 5%.
- O legado da predominância de uso residencial nas ruas em destaque vem desde as primeiras ocupações na região em análise.

# Motivações da moradia no “Centro”

- Oportunidades de emprego enquanto elemento central na escolha pelo lugar de moradia;
- Fluxo do interior para a capital:

“Minha mãe era de Toritama. Aí minha mãe veio porque aqui tinha chance dela costurar pra fora, entendeu?” (Moradora 4)

“Minha tia, que morava lá no interior - em São Bento do Una - casou. E veio embora pra cá porque o marido dela trabalhava no quartel” (Moradora 1).

# Motivações da moradia no “Centro”

- A escolha por morar no centro diz respeito à comodidade de estar “perto de tudo” e praticidade:

“Daqui eu me desloco pra um canto só (sozinha). Se, por exemplo, eu for pra um hospital, eu pego um ônibus só. Se eu tô precisando de alguma coisa, tem o mercado aí o Mercado de São José. Tecido... tudo. Tem tudo. O comércio”. (Moradora 4)

- A escolha por estilo de vida de morar no centro:

“eu gosto da vida de centro, gosto dessa dinâmica de ver o centro, eu não gosto dessa vida de bairro” (Morador 5).

# Contexto da moradia no “Centro”

- Moradia de aluguel

“aí saíram de lá [onde hoje é a Dantas] porque derrubaram tudo. (...) a gente teve um aviso. Há muito tempo foi avisado, né? Mas a gente morava em casa alugada. Aí a gente foi morar numa casa do mesmo proprietário que ficava ali na rua do Forte”. (Moradora 1).

- Moradia em casa de Cômodo

“(...) a gente sempre morou em casa de cômodo. Que tinha uns quartinho assim. Aí tinha sala, tinha cozinha, tudo dividido assim, direitinho. (...) Eu morei desse lado pra cá. Na rua do Fogo. Nesse tempo, na minha casa tinham mulheres... de prostituição. Que entrava escondido. E numa casa só, pra duas famílias. E um banheiro só pra tudinho. Agora, todo mundo se encarregava da limpeza. Quem não prestasse, mandava pra fora. (...) A gente mesmo [fazia a gestão da casa] que a gente era organizado. A gente nunca ficava... vamos dizer: ali morava uma família. Aí a gente não ia pra dentro do quarto de ninguém... era mesmo que uma casa, era bem organizado”. (Moradora 4).

# Ações modernizantes e vulnerabilidades

- A construção da Avenida Dantas Barreto:

“ Depois dessa avenida, acabou o São José. Porque acabou com toda a residência. O bairro foi ficando esquisito, o pessoal foi ficando com medo e foi tudo se mudando. Eu é que ainda tô aqui. (...) Morava muita gente. Existia a Rua Augusta, Rua do Alecrim, Rua de Horta [inaudível] e Rua Santa Tereza. Essas ruas desapareceram tudinho. Ficou tudo uma avenida só. Inclusive a rua Imperial, né? Que ele desabitou o pessoal até a ponte de Afogados” (Moradora 2).

“ Aí saíram de lá [onde hoje é a Dantas] porque derrubaram tudo. (...) a gente teve um aviso. Há muito tempo foi avisado, né? Mas a gente morava em casa alugada. Aí a gente foi morar numa casa do mesmo proprietário que ficava ali na rua do Forte.” (Moradora 1).

# Ações modernizantes e vulnerabilidades

- O espaço mais inseguro e de maior tensão na opinião dos moradores entrevistados é a avenida Dantas Barretos, apontada por unanimidade:

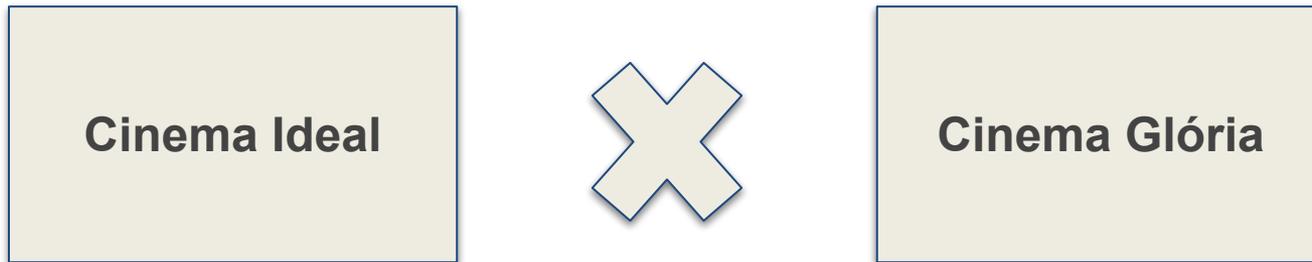
“Se a gente sair daqui às oito horas da noite, a gente é assaltado com esse camelódromo. Eu acho a coisa mais errada que tem aqui é esse camelódromo. Porque é muito ladrão. Muito. Muita droga. E essas barracas, essas coisas que fica o dia inteiro nas calçada, ninguém vê lá dentro quem tá no meio, porque tão visando a gente” (Moradora 1).

“O camelódromo quando eu fui para ali, eles desceram durante o dia sua mercadoria, colocava nos boxes marcados e à noite subiria que tem um lugar para guardar, tá entendendo? E a área ficava toda aberta, a gente passava. Hoje em dia não. Era um vão livre, hoje em dia além de ser um labirinto, é um labirinto para você... como não tem polícia, eu só ando na calçada do lado de lá do Bradesco. Eu só vou para casa por ali. Quando eu cheguei aqui, só ia por aqui por dentro pela rua Das Águas verdes...” (Morador 7)

# Ações modernizantes e vulnerabilidades

- O fenômeno da desertificação de moradias é consensualmente entendido como principal fator negativo para os atuais moradores do lugar;
- Relações negativas associadas à desertificação citadas, foram: 1) segurança; 2) falta de um comércio que atenda mais especificamente os moradores; 3) ausência de espaços e atividades de lazer.
-

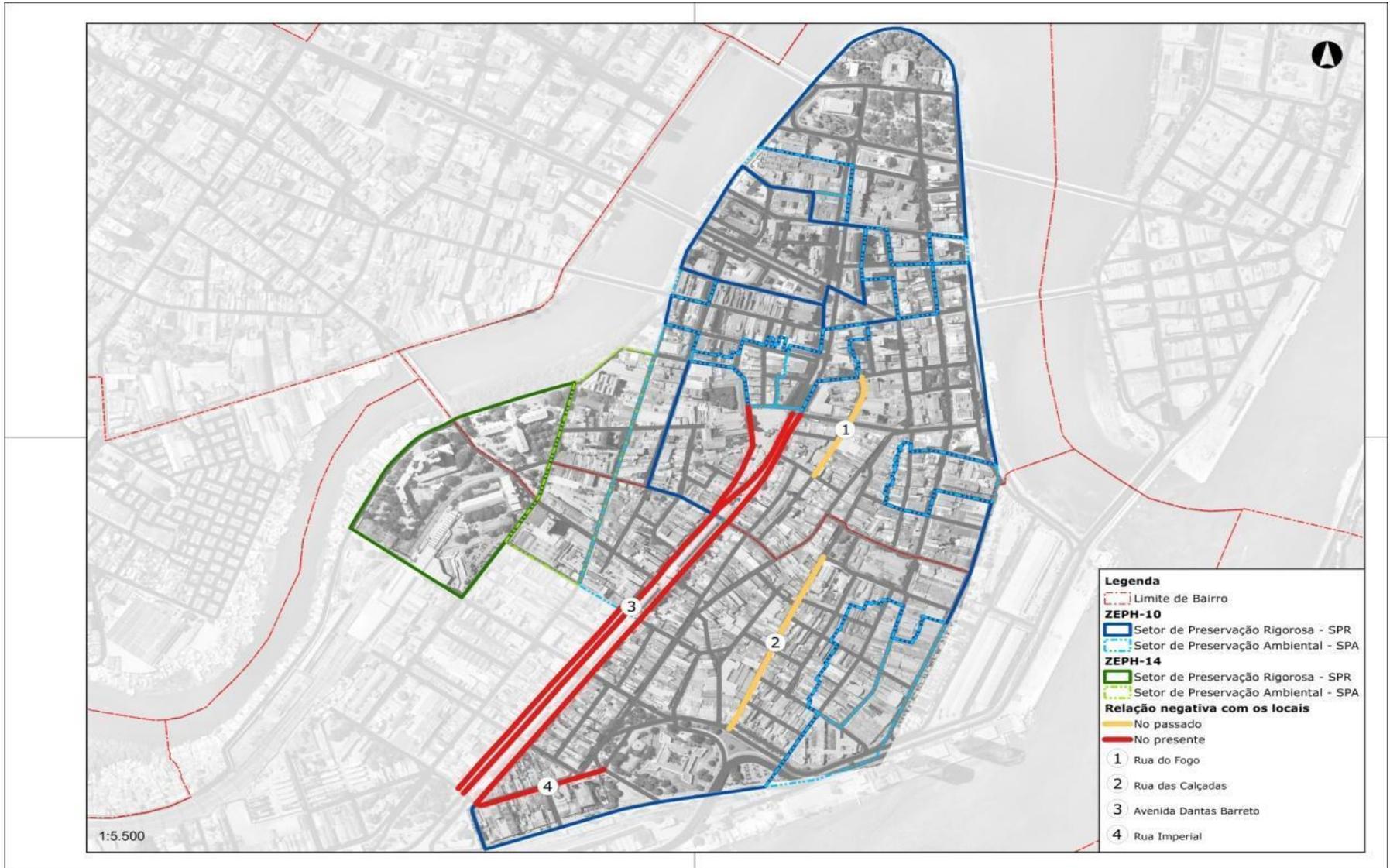
# Marcadores sociais de confiança e evitação



“O da Glória era muito bagunçado. Era. Era assim: cheio de... a gente tinha medo porque vinha muita gente de fora. Jovens, né? E aqui [no Ideal] era mais selecionado. Lá era de gente mais duvidosa, né? Meio duvidosa assim, né? Gostava de se esfregar... no escuro, né? Aí vamos por aqui que aqui era bem amplo, né? O ideal era enorme. Muito bonito. Tinha um jardinzinho assim de lado. De lado de lá”. (Moradora 4)

“Eu ia pro Pátio do Terço, pro Cinema Ideal. Porque o Cinema Glória na época... eh.... o pessoal, minha mãe, minha tia não deixava eu ir porque era mais... aquele pessoal... prostituta”. (Moradora 1)

# Marcadores sociais de confiança e evitação



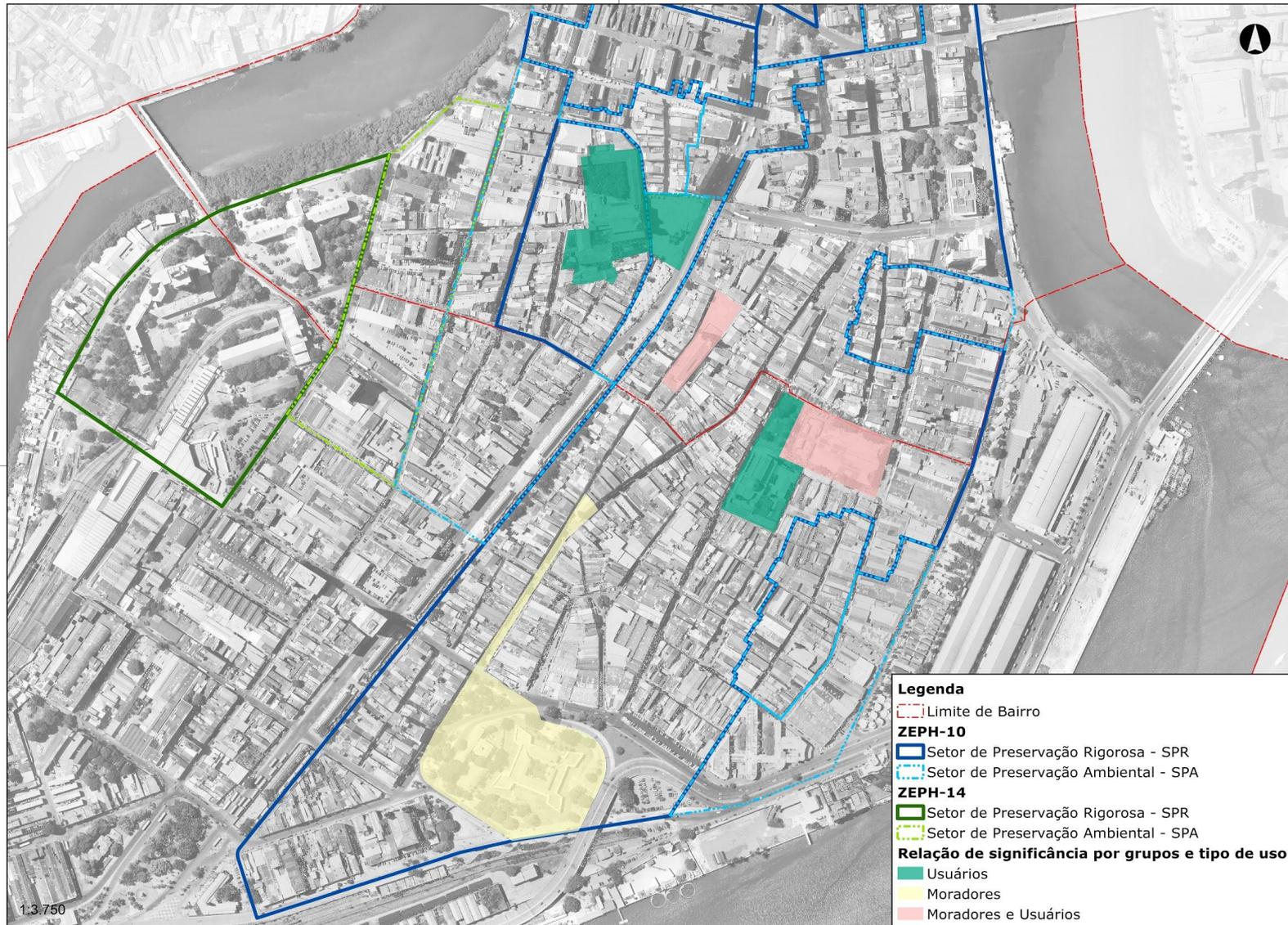
# Modernização e políticas de Patrimonialização

- Pátio do Terço e Pátio de São Pedro enquanto “lugar palco” e “lugar bastidor”;
- Pátio de São Pedro da escória ao emblema turístico;
- Pátio do Terço referência cultural e afetiva desprezada:

“a estátua de Solano Trindade era para tá aqui no Terço, não no São Pedro. Ele morou a vida toda aqui, e não lá! Porque a estátua tá lá? Eu lembro dele declamando poemas aqui!” (Morador do Pátio do Terço)

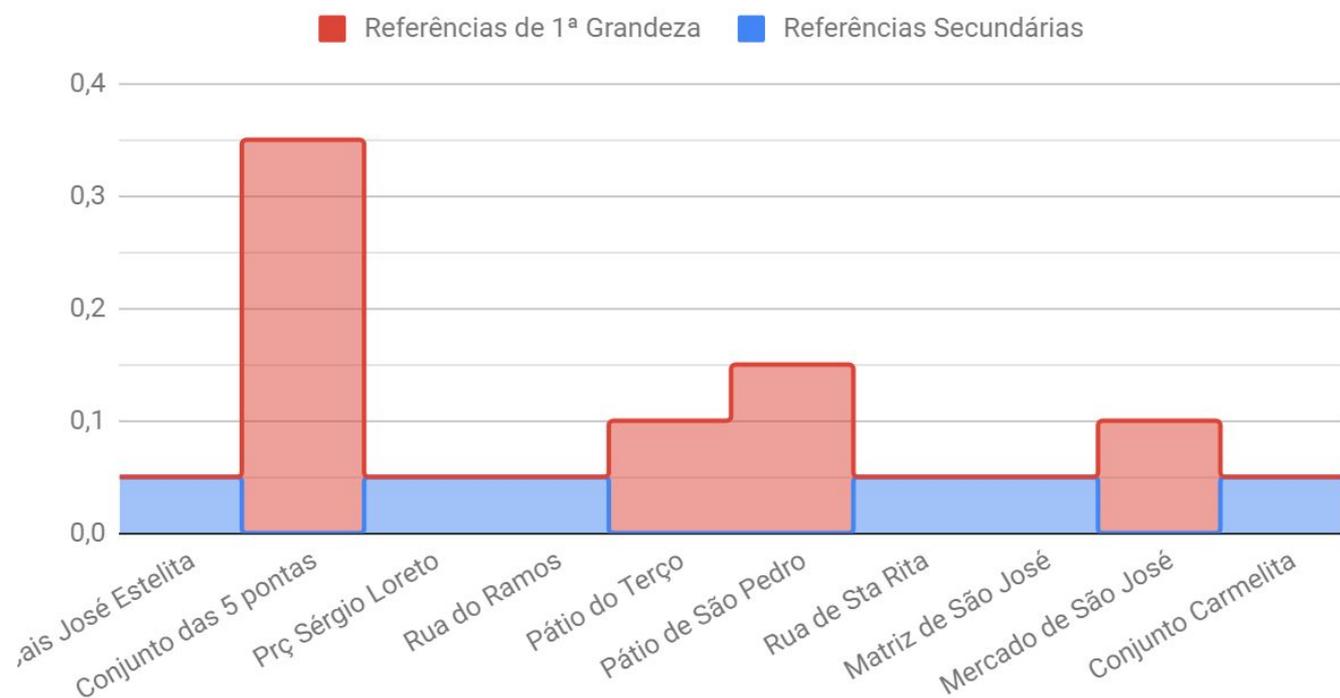
- São Pedro conta com um adensamento de referências socioculturais, e o do Terço sofreu um esvaziamento não sendo apontado como uma referência cultural, simbólica ou histórica.

# Uso e referências culturais



# Uso e referências culturais

## Referências Socioculturais\_Moradores



# Novo Recife: legitimação de um discurso

Expectativas de reestruturação do São José e melhora de vida para os moradores.

“Eu tenho muita esperança que o projeto do Estelita fique pronto, né? Aquilo ali ficando pronto, o bairro de São José vai... aquele pedaço onde eu moro, vai ser o filé do projeto, né? Vai tirar o viaduto, vai expandir pra uma área mais de lazer, a gente vai ter todo o cais José Estelita passando sem ter que subir o viaduto arriscando ser assaltado e chegando no cais José Estelita morrer, aí com aqueles prédios ali, já vai ter segurança, já vai ter tudo. (...) Mesmo entendendo que ali vai ser uma coisa muito moderna, mas assim, eu critiquei muito, no início, as torres gêmeas, eu achei que elas não combinariam com a paisagem do Recife e hoje eu já acho que as torres gêmeas foi uma coisa feita quando o Recife foi feito. Todas as fotos, é tão bonita as torres gêmeas, é tão bonito aquela coisa super moderna do Riomar. Aquela ponte, aquela coisa, são lindas, aquelas fotos. Então eu acho que a gente vai se acostumar breve com aquilo ali.” (Morador 7)

“Na matriz de São José que agora não é mais. Porque tá caído. Esperando, como eu disse a você, fazer o trabalho no cais José Estelita - que não faz nunca. O prefeito e o governador nunca visitou aí a matriz pra ver o estado da matriz de São José, pra fazer uma reforma. Dizem só que esperem a construção do Cais José Estelita, que eu acho que, isso, eu vou morrer e não vou ver.” (Moradora 2)

# O comércio contemporâneo

- Moradores eclipsados:

“Tinha muito comércio. Muito mesmo! Assim, de padaria, de lanchonete, tinha carvoaria(...) tinha carvoaria que hoje não existe mais. Tinha uma fábrica de prego, na esquina com a Tobias Barreto que era com a antiga Dias Cardoso. Tinha açougue - porque era residencial - tinha açougue. Não tinha mais comércio do que hoje, mas eu digo assim: se as pessoas quisessem comprar carne, verdura, essas coisas: não precisava se deslocar pra longe. Porque lá tinha muita mercearia, que hoje em dia a gente aqui no bairro de São José não tem mais, entendeu? Essas coisas assim. Esse comércio mais pra morador mesmo.” Moradora 1

“Todas as casas era residencial. Era melhor [do que é atualmente]. e depois da avenida [dantas barreto] piorou.” (Moradora 4)

- Regular o uso como forma de preservação e “dar vida”:

“Ocupar esse vazio, porque a ocupação gera preservação, primeiro isso. E ela gera uma demanda por usos mais ligados à habitação.” (Morador 5)

# Referências culturais em declínio

## Blocos, agremiações e o lugar

“ Não tem nada meu filho. A não ser o bloco de samba Saberé. Que é o único que tá ainda insistindo, permanecendo. Porque os demais agremiações, acabaram-se todas e se mudaram, né? Você tinha Vassourinhas, foi embora pra Afogados, Batutas de São José, foi pra Afogados... Bola de Ouro, foi-se embora pro Morro da Conceição e as outras se acabaram”( Moradora 2).

## Referências religiosas

“Aquele festa da Penha, quem sabe? Ninguém sabe quando é o mês. Eu sei porque eu sou católica, eu sei. Mas ali na Penha, era a maior festa de carrossel, como tinha na Igreja do Carmo. E a gente ia tranquilo toda noite. Hoje em dia, nem tem mais nem ninguém pode ir” (Moradora 1).

# Referências culturais em declínio

## Festividades que marcaram o lugar

“A melhor paixão de cristo, na páscoa, era no Glória. A mais bonita. A película era mais bonita. (...) a festa do Carmo, era boa naquele tempo. Era a Dantas Barreto todinha, todinha, chegava até aqui. Quer dizer, tinha assim, num era a Dantas Barreto. Era as ruas que tinha e foram derrubadas, né? Era a festa do Carmo. Tinha a pracinha Sérgio Loreto lá embaixo. Tinha brinquedo... nessa altura, com dez anos a gente ainda brincava, ainda. Tinha pra namorar também ali na Sérgio Loreto. E tinha aqui uma praça em frente ao edifício de São José... ainda tem, mas na época não tinha mais brinquedo, mas que a gente ainda brincava por aqui. E tinha também uma, mas que a gente não ia muito não porque era mais longe. Mas a gente ia também. (Moradora 4)

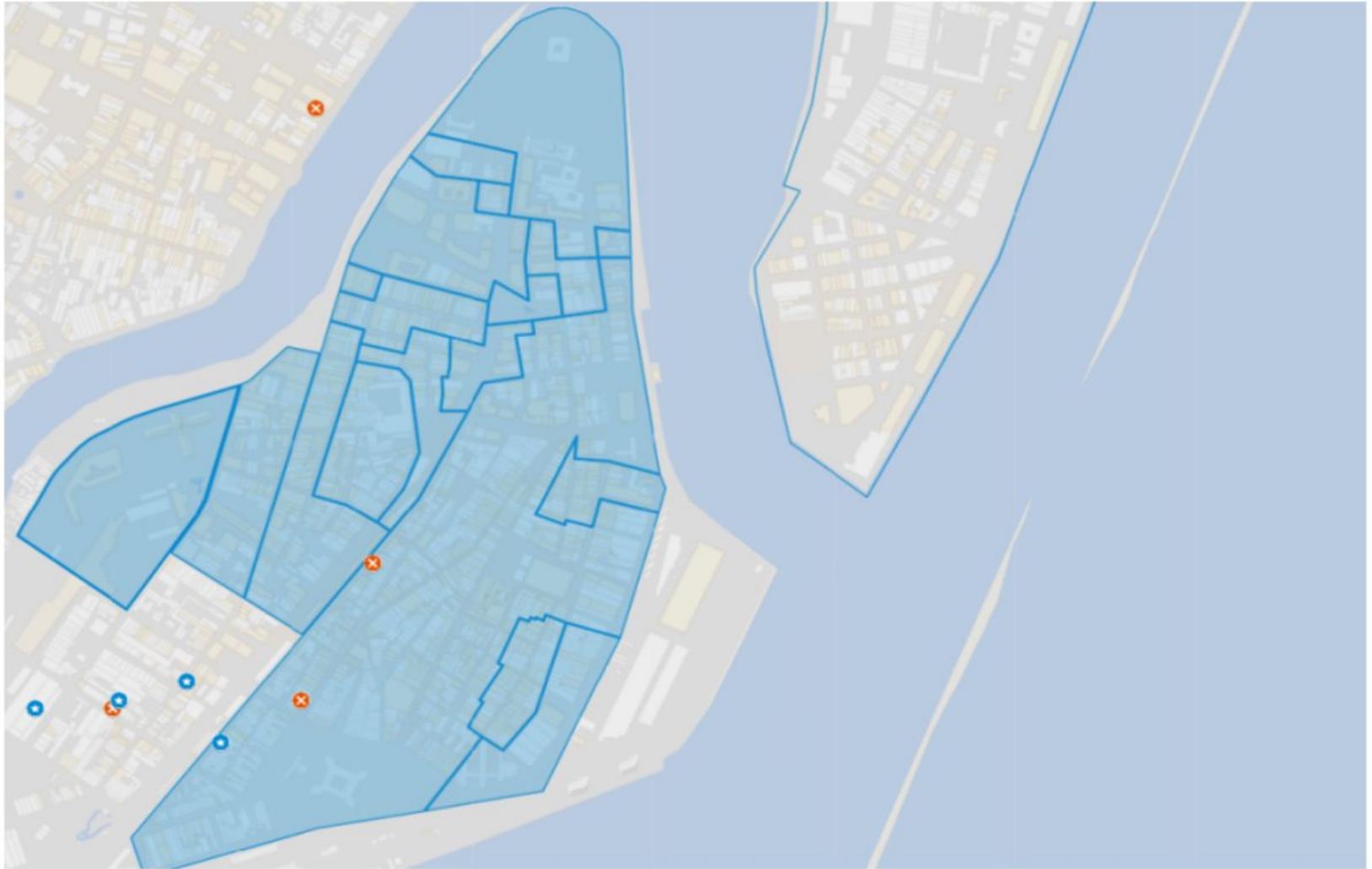
# Referências culturais em declínio

## Galo da Madrugada

“Nós temos o Galo da Madrugada que praticamente ocupa o bairro inteiro, né? Graças a deus o Galo tem revivido aquela coisa... mas é tão policiada, tão segurada que o Galo da Madrugada termina não sendo o Galo da Madrugada do bairro. É o galo da madrugada da elite, da burguesia. O acesso da pessoa do bairro ao galo da madrugada não existe. É meio restrito.”  
(Morador 5)

“O bairro do São José tem uma vida, mas ele... se a prefeitura, acho que tudo parte da prefeitura, poderia partir muito do Galo da Madrugada. O Galo da Madrugada, já que ele ocupa o bairro o tempo todo O Galo Poderia contribuir adotando aquela praça das Cinco Pontas, fazendo acontecer mais coisas nas praças no domingo tendo uma programação para crianças com barracas com tudo, uma feirinha”. (Morador 5)

# Agremiações, ofício e memória social



# Agremiações, ofício e memória social

“Ela gostava muito e era muito ligada a Maria de Lourdes Badia, do pátio do Terço, e minha madrinha também era costureira de carnaval. A minha madrinha foi criada por aquelas negras que vieram... tanto é que a cerimônia da noite dos tambores é uma coisa que também foi incentivada por a gente enquanto a gente tava à frente da Associação de Moradores do Bairro de São José. Aí minha madrinha tinha uma paixão por essa troça ‘Verdureiras de São José’. E essa troça é de 1889. Que era justamente das pessoas que eram verdureiros no bairro de São José. Era uma troça muito animada, muito bacana, que saía, mas você sabe que naquela época tinham as brigas... Não sei com quem foi a briga, mas na última vez que Verdureiras saiu há muito tempo atrás, teve uma morte. Que como tem essa disputa de bairro pra bairro, acredito que tenha sido com uma agremiação dos Coelhos. Aí por conta dessa morte, colocaram as Verdureiras no museu. E minha madrinha Badia ficava na cabeça da minha mãe: tire as Verdureiras do baú. É tão bom as Verdureiras.... Mas foi uma época que minha mãe, de tanto costurar pro carnaval, ela dizia: eu costuro pra todo mundo, vejo tanta coisa bonita, faço tanta coisa bonita, mas nada disso é meu. Aí há quarenta e um anos atrás [1978], com a ajuda de amigos, ela fundou o Pierrot de São José, que é um bloco lírico. A história da gente não consegue se desvincular do carnaval.” (Goretti Caminha)

# Agremiações, ofício e memória social

“A agremiação carnavalesca está incutida no bairro e ela é como se fosse uma célula da comunidade. Porque não é só ter uma agremiação enquanto é carnaval. Tem uma pessoa que tá precisando de uma assistência, a gente vai... e a agremiação não tá no ciclo só carnavalesco. A gente tá inserida no natal... todo ano, a gente que faz o bloco, faz jantar e vai distribuir merenda. Aqui mesmo: tem uma pessoa que chegou agora de outro estado, que tá ali precisando de uma assistência social, aí dizem: vá ali no Pierrot que as meninas ajudam. A gente tem essa obrigação. O Galo da Madrugada, pelo potencial que ele tem, poderia alavancar a gente.

(...)

A gente tem, hoje o Galo da Madrugada, mas com todo respeito, ele não é uma agremiação, ele é uma empresa. Acho muito louvável que tenha conseguido tudo isso que conseguiu, só que ele é incapaz de ajudar à comunidade de onde ele faz parte.

(Goretti Caminha)

# Agremiações, ofício e memória social

- Agremiação enquanto célula de memória social de grupos delineáveis;
- A perpetuação das práticas da cadeia produtiva do carnaval a partir dos que detém as técnicas e a capacidade de articulação sociopolítica;
- Diferenças entre as agremiações enquanto negócio e elemento de interação social comunitária.



As trajetórias das agremiações não narram apenas a história social dos bairros, mas também das relações existentes entre eles.

# Agremiações, lugares e não-lugares

“Saberé, Donzelos, Estudante, qualquer agremiação que não tivesse pra onde ir, Pátio do Terço, 143. Os carnavais eram muito bons porque a gente via nas ruas as pessoas, as pessoas saíam pras ruas. Os grupos desfilavam nos seus próprios bairros. Porque, tem sentido? Tá certo você ir até pra um outro lugar, mas você não desfilar na sua própria comunidade, tem sentido? Não é carnaval, né? Porque, tá certo, aqui você não tem o público, mas não tem o público porque se acostumou ao que as pessoas não veem mais. Ou você vai pro concurso, ou não vai pra canto nenhum.”  
(Goretti Caminha)

“A sede do Estudantes era no Pátio do Terço, o povo que morava ali era todo mundo Estudantes, não tinha comércio tão grande. Era muita gente e muita gente que ajudava.” (Berilo José Soares)

# Agremiações, lugares e não-lugares

- Para agremiações “não-empresas”, o uso domiciliar dos imóveis é fundamental para a lógica do carnaval e um dos propósitos dos desfiles;
- O declínio das áreas residenciais e dos laços de solidariedade internos é apontado enquanto um dos elementos decisivos para a saída das agremiações do São José e da descaracterização do carnaval dos bairros.



Saberé se mantém enquanto agremiação com relações comunitárias efetivas -  
dupla inserção social: comércio popular e residentes.

# Carnaval e *carnival*

“um evento especializado e bem localizado, uma zona marcada onde pode ocorrer (...) a própria localização desses carnivals é nas fronteiras das cidades; entre bairros comerciais e residenciais, nos seus limites e em zonas limiars, neutras ou mortas, frequentemente desocupadas ou abandonadas. Exatamente como o carnaval de Nova Orleans” (DA MATTA, 1997: 158).

“na minha cabeça, a coisa mais interessante do mundo é você tá normal agora, aí você veste uma fantasia, no que você veste a fantasia, você se transporta pra aquele mundo. E uma das frases que minha mãe tem é: ‘o maior prazer que eu tenho é pegar um tecido liso e transformar numa fantasia. Pegar uma pessoa simples e transformar numa rainha. Ou vice-e-versa’. E hoje no mundo complicado que a gente tem, até essa essência tá sendo quebrada por conta de camisa de festa fechada que custa 200, 300, 400, 500 reais e você vai ficar ali num lugar fechado, preso.” (Goretti Caminha)

# Agremiações, lugares e não-lugares

- As intervenções nos espaços para o carnaval e a centralidade do Bairro do Recife enquanto elementos de mudança ontológica das festividades do período de momo nos bairros de São José e Santo Antônio;
- O esvaziamento enquanto facilitador de demandas contemporâneas para a produção e comercialização de eventos.

# “Totalidade” de Badia e das “Tias do Axé”

Lavadeira/ Costureira

Liderança religiosa  
(memória nagô)

Liderança comunitária  
(festiva e celebrações)



Complementaridade de dimensões econômicas e socioculturais: capital simbólico enquanto potencializador de valor financeiro.

# Diretrizes para preservação e salvaguarda

- Agregar elementos locais e tradicionais ao mercado de São José;
- Cooperar com a regulamentação do comércio de rua, com vistas em tradicionalidades e transformações cotidianas na paisagem social.
- Atenção a estratégias de fluxo de moradores na Dantas Barreto (a partir de travessias como a da rua Tobias Barreto - pontos de conexão entre “ilhas residenciais”);
- Incentivo de usos comerciais para residentes, como padarias e mercados com horário estendido;
- Agremiações enquanto núcleo socioculturais com interesses comunitários (potencializadores de fazeres tradicionais do lugar - e de interesse do mercado);

# Diretrizes para preservação e salvaguarda

- Possibilitar o retorno de agremiações do bairro enquanto favorecimento de outros usos;
- Incentivar atividades de educação patrimonial articulada entre comerciantes e moradores;
- Viabilizar uso residencial integrado a atividades culturais e de lazer (atenção a lugares como Cinco Pontas, Pátio do Terço e Rua do Ramos - edifícios São José e Esther);
- Ações de desenvolvimento social relacionadas ao patrimônio cultural - fortalecimento de elementos identitários;
- Atuar na salvaguarda do carnaval de rua dos bairros de Santo Antônio e São José.



**Geraldo Júlio**

Prefeito

**Luciano Siqueira**

Vice-Prefeito

**Antônio Alexandre**

Secretário de Planejamento Urbano

**Lorena Correia Veloso**

Gerente Geral da DPPC

## Equipe

Fernanda Rennaly Queiroz Brainer de Oliveira

Fernando Antônio Duarte Barros Júnior

Geysa Vilela Gomes Marques

Larissa Rodrigues de Menezes

Laryssa Soares de Araújo

Lindoelly Mayse de Melo Duarte

Lili Suassuna Becker

Luanancy Lima Primavera

Manoel da Silveira Ramos Neto

Maria Cecília Vargas de Alcantara

Maria Cícilia de Oliveira Melo

Maria Eduarda Albuquerque Queiroz

Maria Falcão Soares da Cunha

Rafael de Freitas Dias Acioly

Pátio de São Pedro, nº 25 - Santo Antônio

3355.6290 | 3355.6291